

A T H O S B U L C Ã O

DF- Arte

“A tela é um espaço infinito”

EXPOSIÇÃO A SER INAUGURADA AMANHÃ, ÀS 18h00, NO ITAMARATY, MARCA O LANÇAMENTO DA FUNDAÇÃO ATHOS BULCÃO

SEVERINO FRANCISCO

Athos Bulcão. Este nome é uma das principais referências da arte em Brasília, desde a inauguração da cidade. E Brasília foi criada sob o signo das artes. Mas, com o passar do tempo, este projeto de Brasília como centro de irradiação cultural acabou soterrado pelo peso dos arcaísmos, da burocracia e dos interesses circunstanciais do poder. No momento em que se tenta retomar o impulso renovador e vanguardista de Brasília, nada mais natural que seja lembrado o nome do artista plástico Athos Bulcão. Amanhã, às 18h00, no Palácio do Itamaraty, será lançada a Fundação Athos Bulcão para Intercâmbio Internacional e Intercultural em Arte. A Fundação foi criada em dezembro de 1992 a partir da doação, por parte de Athos Bulcão, de um amplo acervo de pinturas, desenhos, objetos e gravuras de sua autoria e de outros artistas. Parte desse acervo está sendo mostrada ao público, ao lado de trabalhos atuais de Athos, em exposição que marca o lançamento da Fundação.

A Fundação atuará como centro de pesquisa, estudos, desenvolvimento, intercâmbio e difusão da arte em Brasília. Athos Bulcão espera que esta primeira doação feita à Fundação estimule o empresariado a novas doações. Ele entende que, apesar da quantidade de artistas que aparecem na base da autopromoção, houve um grande progresso no campo das artes em Brasília: “Existem valores jovens puxando o cordão”, observa Athos. Mas, apesar disso, a cidade foi esvaziada em seu projeto original de se constituir em um centro das artes: “Existe muita pressão do poder, da burocracia. Experiências como o Centro de Criatividade da 508 Sul tiveram uma vitalidade muito grande, enquanto puderam funcionar. Mas um dos problemas da cultura em Brasília é que as decisões são tomadas por autoridades de primeiro e segundo escalões e não por pessoas que teriam qualificação para isto. O Congresso faz exposições horríveis, só por comprometimento com o eleitor, o voto. Eu acho que a criação da Fundação abre uma possibilidade de se tomar decisões com mais critério no campo das artes”.

Freud e Jung — Em Brasília, existem trabalhos de Athos Bulcão, realizados através da integração artes plásticas e arquitetura, na Igrejinha (107/108 Sul), no Teatro Nacional, no hall do Congresso Nacional, no Palácio do Itamaraty, no Brasília Palace Hotel, entre outros. Athos não escolheu a arte; ele foi escolhido por ela. Programou ser médico, queria ser psicanalista e entrou para as artes por influência dos amigos: “Eu abandonei o curso de medicina no terceiro ano. Gostava de ler Jung e Freud e tinha vários amigos que eram artistas. O Gustavo Dória, crítico de teatro, me apresentou ao Brutos Pedreira, uma pessoa que está por trás da revolução do teatro brasileiro. Ele conseguiu trazer o Ziembinski ao Brasil. Brutos era amigo do Mário Peixoto e teve influência direta no filme *Limite*, onde interpreta o personagem do pianista. O Brutos inventou que eu deveria ser ator de teatro. Eu cheguei a ensaiar vários meses com o grupo *Os Comediantes*. Mas sabia que não ia conseguir”.

É um belo dia, quando passeava por uma livraria do Rio de Janeiro, Athos se deparou com um sujeito folheando um livro com reproduções de pinturas do artista plástico francês Roault. O personagem perguntou a Athos se este gostava. Athos respondeu afirmativamente, explicando que costumava frequentar exposições. A

A cor e a vibração da luz continuam impulsionando Athos Bulcão à pintura: “Cada vez a pintura é algo intenso para mim. Cada vez fico com mais medo de ficar cego”

Um centro que instrumentalize Brasília para gerar eventos artísticos do porte que a cidade exige por ser capital do País. Esta é a ideia-base que impulsionou a criação da Fundação Athos Bulcão. Ela pretende realizar exposições de artes plásticas de alto nível, incentivar estudos e pesquisas na área das artes contemporâneas, criar um pequeno núcleo de ensino experimental, promover grandes eventos, viabilizar o intercâmbio internacional na área da cultura. Segundo Evandro Salles, secretário executivo da Fundação, Brasília possui uma potencialidade inexplorada. Brasília é o ponto de cruzamento entre as várias culturas do País e do mundo. “A questão mais importante hoje no mundo é o fim das fronteiras culturais e econômicas. É exatamente neste ponto que pretendemos atuar”.

A primeira diretoria da Fundação tem presidente Vera Brand. Oscar Niemeyer figura como Presidente de Honra. Ele criará o projeto arquitetônico para a sede da entidade. Os Vice-Presidentes são Betty Bettiol e Joaquim Vaz de Mesquita. A primeira batalha será construir a sede. Mas a Fundação não vai esperar a sede para começar a concretizar os seus projetos. O primeiro alvo é a promoção do III Fórum Brasília de Artes Visuais, para abril de 94, com a proposta de se constituir no mais importante evento

Fundação começa a agir mesmo sem ter sede

de arte na América Latina’ depois da Bienal de São Paulo.

O programa do III Fórum prevê os projetos: *Cidade Ocupada* (instalações de artistas internacionais na Esplanada dos Ministérios, da Rodoviária até a Câmara dos Deputados) *Revendo Brasília* (revisão estética e político-social da fotografia e vídeo) um Festival Internacional de Filmes com a presença de grandes nomes do cinema. Seminários, Feira de Informação e Cultura (no Centro de Convenções): “Nós vamos solicitar um encontro

com o secretário de Viação e Obras, José Arruda, e o governador Joaquim Roriz, para que este grande evento internacional marque a inauguração do Metrô de Brasília. — observa Evandro Salles. A cidade precisa ter uma programação internacional de porte para que esta obra política tenha significado”.

Em seu primeiro Conselho Curador, a Fundação conta com a participação de Agnaldo Farias, Cláudio Telles, Eduardo Cabral, Evandro Salles, Frederico Moraes, Karla Osório, Maria Luiza de Carvalho, Marcus Lontra, Regina Silveira, Sílvio Zamboni e Tetê Catalão. A Fundação pretende também formar um Conselho Consultivo integrado por intelectuais brasileiros e estrangeiros: “Acho que esta doação do Athos Bulcão foi muito importante — comenta Evandro. Porque ele é uma das pessoas mais queridas e mais fundamentais na história da construção da cidade. Uma Fundação é um bem público, não tem donos. O sucesso da ideia depende desta congregação da cidade em torno da Fundação. E não apenas dos artistas. O empresariado tem de compreender a importância da cultura para a própria economia da cidade. Ele tem um potencial turístico enorme, mas não dispõe de uma infraestrutura cultural. E outro potencial importante é o canal das instituições internacionais. A Fundação estará sempre aberta a propostas, sugestões e projetos. Ela pertence a Brasília”.

Fotos: Glênio Dettmar



última que tinha visto era o Salão Paulista de Artes Plásticas. “Ele me perguntou de que quadro eu havia gostado. Eu descrevi o quadro e ele me disse: fui eu que fiz. Era o Scliar. A partir daí ficamos amigos. Ele me levou à casa do Jorge Amado onde conheci o Pancetti, o Milton Dacosta. Do Portinari eu tinha dificuldades em me aproximar. Mas um dia, ele soube que um trabalho meu havia sido recusado em um Salão de Buenos Aires e ficou surpreso. Portinari me convidou para trabalhar com ele na Pampulha. Embora eu seja autodidata e tenha trabalhado pouco com ele, eu assimilei algumas coisas de pintura com o Portinari”.

Leveza e exuberância — A primeira exposição de Athos foi financiada pelo amigo Oscar Niemeyer. Athos conheceu Niemeyer

na casa de Burlie Marx: “Ele viu alguns desenhos meus e disse: isso fica bonito em azulejo. Em 44, eu trabalhei na reforma do prédio do IAB, na Cinelândia. Niemeyer pagou do bolso o dinheiro para o catálogo da minha primeira exposição de desenhos”. Os últimos trabalhos de pintura de Athos têm se caracterizado pela leveza e exuberância das cores e formas: “Eu acho que eu sou da família de Gaudi, do Miró e do Matisse. Eu gosto muito da cor. O que sinto na pintura brasileira de hoje é que a questão da cor fica solta demais. E faça como quiser. Se você pega um pintor como Raoul Dufi, constata que toda a sua paleta é de Van Gogh, só o clima é diferente”.

A cor e a vibração da luz continuam impulsionando Athos à pintura. E ele diz que continua pintando porque se não pintar morre. Todos os fatores são contra a arte. Mas em toda parte é preciso haver uma vocação sincera. Perguntaram a Gide por que ele escrevia e ele respondeu: porque senão eu morro. É isto que eu entendo por vocação sincera. Cada vez a pintura é algo intenso para mim. Cada vez fico com mais medo de ficar cego. A cor é algo maravilhoso sempre”. A pintura de Athos Bulcão sempre esteve impregnada de uma preocupação construtivista. Nos últimos trabalhos tudo se desagrega: “Ele não descarta a interpretação de um sentido cósmico para estes trabalhos”. “Não sei se estes trabalhos revelariam uma compreensão mística. Eu diria que trato o quadro como um cosmos, um universo. O que existe mesmo é abordagem do quadro como espaço físico. Uma tela é um espaço infinito. Você não coloca o dedo em um quadro e mede o espaço entre as figuras de um quadro. Os últimos quadros têm esta arrebatção. É o que acontece dentro da gente. As coisas vão se balançando”.

No ato de lançamento, será aberto o Livro de Fundadores da instituição. Quem quiser participar do quadro dos Fundadores deve realizar contribuição em três categorias: Membro Fundador (mínimo de Cr\$ 500.000,00), Membro Fundador Colaborador (mínimo de Cr\$ 1.000.000,00) e Membro Fundador Colaborador Pessoa Jurídica (mínimo de Cr\$ 10.000.000,00). E maiores informações podem ser obtidas pela própria Fundação Athos Bulcão. Fone: 322-7801.

EXPOSIÇÃO — Abertura da exposição de trabalhos do artista plástico Athos Bulcão. Local: Palácio Itamaraty. Horário: 18h00. A exposição marca o lançamento da Fundação Athos Bulcão.